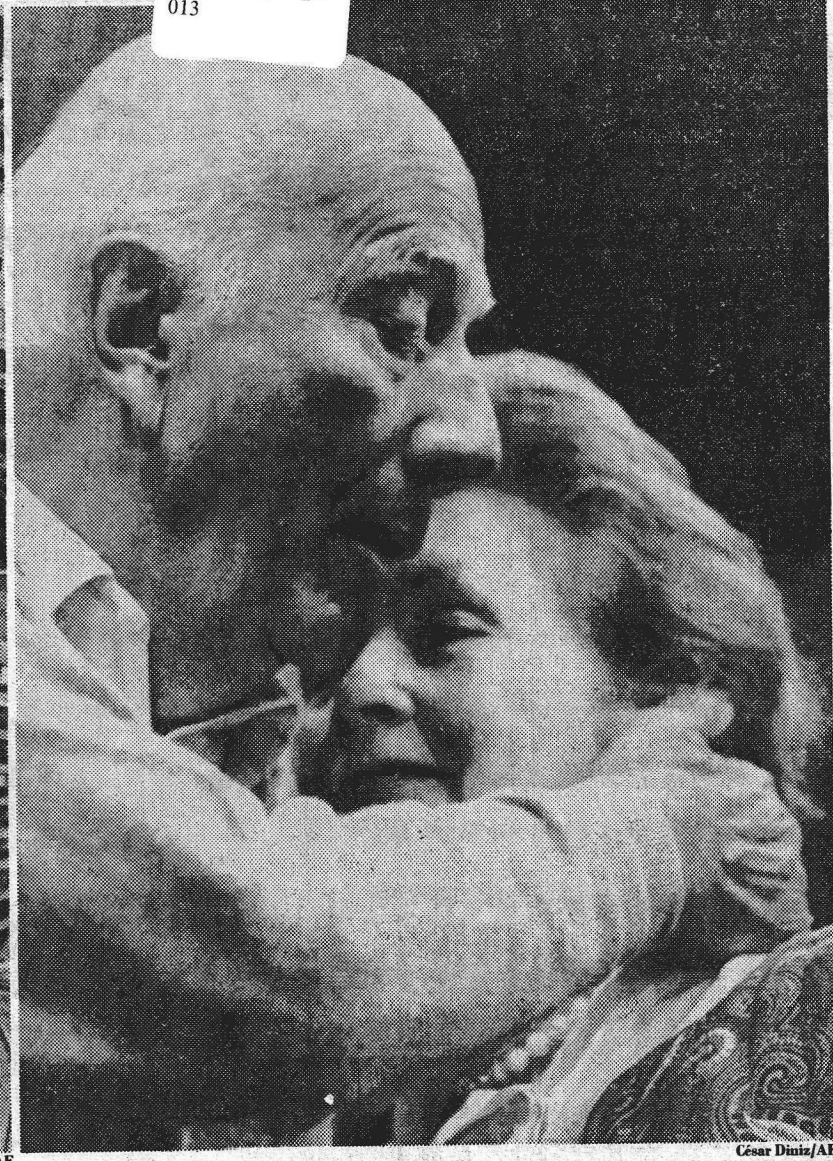




O primeiro comício por eleições diretas, em 1984, e o abraço de Ulysses na mulher, Mora, anteontem: na Praça da Sé, retratos do melhor e do pior momento do PMDB

PMDB navega 23 anos e morre na praia

O partido de oposição ao regime militar chega ao seu ocaso com a candidatura do Senhor Diretas

LUCIANO SUASSUNA
e RUDOLFO LAGO

O maior e mais antigo partido político em atividade no País, o PMDB, fundado oficialmente sob o nome de Movimento Democrático Brasileiro, no início de 1966, enfrenta a sua primeira eleição direta para presidente da República desgastado pela idade e envolvido numa armadilha da democracia. Aos 73 anos, o candidato do partido, Ulysses Guimarães, o maior símbolo dos passos dados pelo PMDB na briga contra o regime militar e em favor da abertura, chega ao dia 15 de novembro como prisioneiro do seu passado. A três dias da eleição, com apenas 4,1% na última pesquisa Gallup, Ulysses Guimarães assiste à fase mais negra do partido que presidiu durante 18 anos, justamente no momento em que o País se prepara para a maior festa cívica da sua História.

"Vou ganhar, apesar dos crápulas e dos traidores", afirmou o candidato do PMDB, durante o comício do partido, na sexta-feira à noite, na Praça da Sé, em São Paulo. Cinco anos e dez meses depois do histórico 25 de janeiro de 1984, a Praça da Sé acolheu um público 30 vezes menor que o do comício que deu a largada para a campanha das diretas. Na praça, estava anteontem o mais fiel retrato do ocaso do PMDB.

Abraçado a sua mulher, Mora Guimarães, cercado pelos prédios cinzentos que se aglomeraram em torno da Catedral da Sé e açoitado pelo vento frio que marca o anoitecer em São Paulo, o Ulysses Guimarães que subiu ao palanque na sexta-feira possuía um único traço em comum com o combativo deputado que, em 1984, com o apelido de Senhor Diretas, fazia multidões esperar horas para ouvi-lo nos comícios: nas duas ocasiões, Ulysses Guimarães tinha a cara do PMDB.

Falso otimismo

"O comício é comparável ao das diretas", afirmou, numa entrevista à televisão, na saída da Sé, o governador de São Paulo, Orestes Quércia. "Tinha muita gente", completou Quércia, reforçando a maior característica dos comandantes do PMDB neste final de campanha — o falso otimismo. "Vamos ganhar, eu tenho certeza", afirma o próprio Ulysses, como se enxergasse algo que ninguém mais vê. "É um final melancólico", reconhece e lamenta o deputado Hélio Duque (PMDB-PR), que na semana passada decidiu trabalhar por Leonel Brizola, do PDT.

"Eu queria saber, se eu estivesse melhor colocado nas pesquisas, se alguém iria ficar questionando a minha candidatura", reclama Ulysses. As dificuldades do PMDB, no entanto, não estão nas pesquisas, nem chegam a ser um problema exclusivo da candidatura escolhida. O PMDB vai mal na campanha porque, nos últimos três anos, o partido esteve mal consigo mesmo.

Desde o dia 15 de novembro de 1986, quando os eleitores brasileiros apostaram na fábula do Plano Cruzado e colocaram no poder 22 governadores do PMDB e 305 parlamentares do partido, numa Assembleia Constituinte composta por 559 deputados e senadores, a legenda, que entrincheirou as pessoas que luta-

vam contra a tortura, a censura, as cassações e o exílio, se transformou — e nunca mais foi a mesma. Até chegar no dia 15 de novembro de 1986, porém, o PMDB cumpriu uma trajetória empolgante.

Nos seus primeiros anos, o partido de oposição criado pelo regime militar para dar ares de democracia à ditadura que se implantava no País agrupou políticos que não apoiaram a Revolução de 1964 no que se chamava, na época, de "oposição responsável". "Nós achávamos que o regime de exceção seria passageiro e que Costa e Silva redemocratizaria o País", lembra o ex-deputado Renato Archer, coordenador da campanha presidencial do partido.

"O Ulysses formava com os moderados, com o grupo de Tancredo Neves e Amaral Peixoto", desdenha o deputado Francisco Pinto (PMDB-BA). "O pessoal da oposição responsável, da qual Ulysses fazia parte, não queria denunciar nada", afirma Pinto.

O preço do passado

O deputado se recorda do assassinato de Rubens Paiva, parlamentar do grupo autêntico do Rio de Janeiro. Disposto a denunciar da Tribuna da Câmara que Paiva havia sido morto pelo regime, Pinto foi chamado por Tancredo Neves. "Meu filho", disse Tancredo. "Vamos

nos abrigar debaixo da árvore e esperar a tempestade passar", continuou. "Não há razão para entregarmos nossos peitos às baionetas", concluiu. "Essa tempestade não é um fenômeno natural do qual se possa abrigar debaixo de uma árvore", respondeu Pinto, irritado.

Em 73, o MDB se dispôs a participar da eleição indireta para presidente a fim de denunciar a falta de democracia do processo. Os autênticos buscaram o jornalista Barbosa Lima Sobrinho para ser o que chamaram de "anticandidato". Uma visita de Tancredo Neves e Amaral Peixoto a Lima Sobrinho transformou-o no candidato a vice. "Eles impuseram o Ulysses", diz Pinto. "O Barbosa

aceitou ser o vice e o partido achou que era melhor ser o candidato porque era parlamentar, explica Ulysses, que lançou na época o grande lema do partido: "Navegar é preciso".

Senhor Diretas

O MDB alcançou, em 1974, uma grande vitória contra a Arena, elegendo 355 deputados estaduais, 160 deputados federais e dez senadores. A resposta do governo não poderia ser mais dura: em 77, temendo nova derrota para a oposição nas eleições de 78, o presidente Ernesto Geisel baixou uma série de medidas que ficaram conhecidas como o "Pacote de Abril". Gei-

sel decretou o recesso do Congresso e mudou as regras eleitorais, mantendo as eleições para governador indiretas e criando os senadores "biónicos", que, em vez de serem eleitos, eram nomeados pelo governo.

"O PMDB se confunde com a própria história do Brasil nos últimos vinte anos", defende Ulysses Guimarães. De fato, o partido esteve na linha de frente de todos os grandes movimentos que se fizeram a partir da anticandidatura de Ulysses, principalmente a anistia em 78. Em 84, ninguém contestou a alcunha de "Senhor Diretas" para Ulysses.

De lá para cá, o partido que ganhou popularidade por não fazer concessões ao regime autoritário, fez concessões, até então impensáveis, para poder assumir o comando do que chamou de "transição democrática". Eleger Tancredo Neves no Colégio Eleitoral e governou com José Sarney até a eleição do Plano Cruzado. O Ulysses Guimarães que deu combatividade ao partido, quando enfrentou os cachorros da Polícia Militar do governo Roberto Santos, na Bahia, em 1977, por exemplo, tornou-se o político transigente que aceitou o mesmo Roberto Santos como ministro do governo José Sarney e colocou-o como expoente do PMDB baiano. Ulysses mudou e o partido também.

O senhor Diretas de 1984 aceitou prolongar em um ano o retorno às urnas de uma eleição direta para presidente e apoiou os cinco anos de mandato para o presidente José Sarney. O presidente do partido de oposição ao regime abonou as fichas de filiação do ex-presidente do PDS, José Sarney, e do ex-secretário geral do partido do governo, Prisco Vianna.

O dia seguinte

Enquanto o PMDB se debatia internamente, após as eleições de 1986, o presidente do partido se tornava maior que a sua legenda. O senhor Diretas virou senhor Constituinte e, ao longo de 20 meses, de fevereiro de 1987 a outubro de 1988, chegou ao ápice do poder. Era, ao mesmo tempo, presidente do maior partido do País, da Constituinte, da Câmara dos Deputados e eventual presidente da República, um posto que assumiu em 19 ocasiões durante o governo Sarney. Em julho do ano passado, o partido perdeu o grupo que tentava empurrá-lo para a esquerda — os tucanos do PSDB — e, na convenção que indicou Ulysses, decidiu afastar dos palanques os integrantes do governo Sarney.

"Em vez de buscar a união, nós estimulamos a cizânia", afirma o ministro da Previdência Social, Jader Barbalho. Diante de um eleitorado que gostaria de ver no partido uma imagem do futuro, o PMDB se apresentou na eleição com um grupo que representava o passado distante de combate ao regime militar e outro que representava o passado mais recente. "O PMDB é o nosso partido", afirma o ex-ministro Waldir Pires, integrante do passado distante da legenda. "Não pretendo sair", diz o ministro Jader Barbalho. Prisioneiro do seu passado, o PMDB chega à reta final da eleição na seguinte situação: ninguém apóia Ulysses, mas ninguém sai do partido. Sepultado nas urnas, a histórica legenda quer renascer.